

# *A juventude como valor contemporâneo: Forever young*

Ieda Tucherman\*

## **RESUMO**

O texto propõe uma reflexão crítica sobre o exacerbado valor da juventude na cultura contemporânea o que se complementa com uma interdição ao envelhecimento e uma imaginária erradicação da morte. Selecionamos dois anteriores momentos na história onde a juventude foi valorizada, a Grécia Arcaica e a Contracultura e buscamos mostrar uma certa continuidade entre este movimento dos anos 60 e a nossa atualidade, que associa ao ideal de juventude a técnica como interventora e a lógica da artificialização da vida.

**Palavras-chave:** contemporânea, juventude, mídia, artificialização.

## **ABSTRACT**

*Forever Young the text considers a critical reflection on the improved value of youth in the culture contemporary that is complemented with an interdiction to the aging and an imaginary eradication of the death. We select two previous moments in history where youth was valued, Archaic Greece and the Contraculture movement and we search to show a certain continuity enters this movement of the 60's and our present time, that associates with the ideal of youth the technique as interventor and the logic of the artificialization of the life.*

**Keywords:** contemporary, youth, media, artificialization

## **RESUMEN**

*El texto propone una reflexión crítica sobre el valor de que fue investida la juventud en la cultura de la nuestra actualidad así que la interdicción de la fatalidad de la muerte. Seleccionamos dos momentos anteriores en la historia en los cuales la juventud recibió una atención primordial: la Grecia Arcaica y la Contracultura (los años 60) y intentamos mostrar una cierta continuidad entre estos movimientos de los 60 y nuestra actualidad, que asocia a la juventud el entusiasmo con el desarrollo tecnológico y la artificialization de la vida.*

**Palabras clave:** actualidad, juventud, media, artificialización

### **Apresentação e genealogia:**

O objetivo desta comunicação é provocar, no sentido etimológico de invocar para, uma reflexão crítica da nossa atualidade a partir deste sintoma<sup>1</sup>: a exacerbada valorização da juventude que tem como conseqüências inúmeros investimentos “tecnocientíficos”, objetivando uma interdição do envelhecimento e, pelo menos imaginariamente, a erradicação ou o afastamento da morte.

Por vício da admiração pelo ensaio e sob a influência dos textos de Michel Foucault, uma pequena genealogia sempre se faz interessante, uma vez que esta tem a característica de “conjurar as solenidades da origem” e, por derivação, “desnaturalizar o presente”. Ao mesmo tempo, e no mesmo movimento, a genealogia mostra-nos que certas experiências têm sua primeira expressão num tempo longínquo, a qual tendemos a desprezar.

Sendo assim, escolhemos na história dois momentos onde o pensamento “inventou” a figura da juventude, atribuindo a ela um conjunto de valores. Momentos distantes no tempo que a questão a ser proposta permite-nos aproximar.

### **A bela morte**

O primeiro momento aponta para a nossa origem mais remota, a Grécia, berço do que ficou conhecido como Ocidente, um continente cultural e um modo particular de civilização. No belíssimo texto do helenista Jean-Pierre Vernant, que tem o título de *A bela morte ou o cadáver ultrajado*<sup>2</sup>, fala-nos desta relação e de sua conseqüência, que já aparece na epígrafe: “*Ele morre jovem, aquele a quem os deuses amam.*”

(Ménandre).<sup>5</sup> Na *Iliada*, tanto Heitor quanto Aquiles são colocados diante da mesma escolha: ou a glória imperecível do guerreiro, mas a vida breve; ou uma longa vida em seu lar (*chez-soi*), mas a ausência de toda glória. Heitor o expressa:

*“Não, eu não compreendo morrer sem luta nem sem glória, nem sem qualquer alto feito cuja narrativa chegue aos homens no futuro.”*<sup>6</sup>

A razão desta exploração heróica, comentada por Vernant, mas também identificada por outros helenistas consagrados como Pierre Vidal-Nacquet, Paul Veyne e Dodds, não tem relação com cálculos ou qualquer caráter utilitário, nem mesmo com nenhum desejo de prestígio social: ela é de natureza transcendental, ou seja, tem a ver com a condição humana que os deuses fizeram não apenas aos mortais, mas submetidos, como toda criatura aqui de baixo, depois do apogeu da juventude, ao declínio das forças e à decrepitude da idade. Portanto, este heroísmo se enraíza na vontade de escapar ao envelhecimento e à morte, ainda que ambos sejam inevitáveis: ultrapassasse a morte acolhendo-a em lugar de sofrê-la.

Vernant esclarece-nos, lembrando que, numa cultura como a da Grécia arcaica, onde cada um existe em função do outro e de seu olhar, a verdadeira morte é o silêncio, o esquecimento, a obscura indignidade, a ausência de reputação.

“Existir, ao contrário, é – estejamos mortos ou vivos – encontrar-se reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado : ser objeto de uma palavra de louvor, de uma narrativa que re-

late, sob a forma de um gesto sem cessar retomado e repetido, um destino admirado por todos. Neste sentido, pela glória que ele soube adquirir devotando sua vida ao combate, o herói inscreve na memória coletiva do grupo sua realidade de sujeito individual, exprimindo-se numa biografia que a morte, porque se realiza, torna inalterável”.<sup>7</sup>

Ora direis, mas o que é que isto tem a ver com a idéia de juventude na atualidade? Por que este recuo tão extenso? Em quê, exatamente, ele colabora para a nossa atual reflexão?

Tentarei responder de maneira convincente ainda que muito sintética: o contrário significaria longas páginas e muitos minutos. Atendo-me, portanto, ao mais conveniente, começo por considerar que os gregos praticavam um tipo de moral assimétrica e livre, centrada no louvor e na crítica, normativa e singular e não, como acontecerá posteriormente, prescritiva e coletiva.<sup>8</sup> Isto significa que os indivíduos aderiam a ela voluntariamente e segundo sua capacidade. A medida, se assim podemos chamá-la, era a política, como forma de relação com a polis: para poder governar é preciso primeiro governar as paixões, o que significa não negá-las, mas expor-se a elas, experimentá-las, numa tensão constante onde a *hybris* (excesso, desmesura) não deve conseguir nos derrotar. Em contraste, organizando-se sob outra lógica, o mundo judaico-cristão, prega uma moral simétrica e não livre, normativa e prescritiva, baseada na culpa, no pecado e na expiação.

Portanto, quando Foucault elabora a sua estética da existência e formula a pergunta (nos anos 80) “Por

*que um abat-jour e uma casa podem ser uma obra de arte e uma vida não?”<sup>9</sup>*, ele aceita o convite nietzschiano e vai buscar na Grécia um momento de fundação disto que foi, como nos descreve ele, uma estética, uma erótica e uma dietética cuja assimetria e intensidade teriam sido abafadas nos enunciados. *“Todos são iguais diante de Deus”* ou do *“Somos todos irmãos neste Vale de Lágrimas”*.<sup>10</sup>

### **A estética da existência**

O que tinha levado Foucault a elaborar esta estética da existência, ele mesmo o explica de maneira inequívoca no lindo prefácio de *O uso dos prazeres*, foi o pensar a subjetividade como uma linha do diagrama que é atravessado pelas relações de saber-poder que até então era seu foco quase absoluto; integrando a linha da subjetividade neste diagrama, ele percebe que ela atua fazendo dobras “plis”, produzindo novas formas de existência possíveis na atualidade, que é de onde qualquer pensador se debruça e para onde dirige suas respostas.

Assim, mostrando o que havia antes e atrás da experiência cristã, ele desnaturaliza os argumentos da simetria, uma de suas importantes críticas ao marxismo, e faz emergir, como probabilidade conceitual, novas formas na história como no presente.

Parece ser conseqüente propor uma estreita relação entre os efeitos do acontecimento de maio de 1968<sup>11</sup>, entendendo esse acontecimento como o que esgarça o tecido da história, empurrando-a para suas margens, interrompendo seu fluxo de repetições e as indagações as quais Foucault se dedicou, que resultaram na sua consulta aos gregos e na elaboração

da sua estética da existência. Foi certamente então que ganharam visibilidade os “novos sujeitos da história”: estudantes, operários, prisioneiros, mulheres, gays, jovens com outros discursos e projetos, cuja compreensão demandava uma urgente atenção.

Em outro texto da mesma época, *What is enlightenment?*<sup>12</sup>, na versão do curso sobre *O que é o iluminismo?*, que ministrou nos Estados Unidos nos anos 80<sup>13</sup>, Foucault menciona, além dos gregos, aos quais se dedicará depois, dois outros momentos exemplares em que encontra este movimento de “construir-se como uma obra de arte”: o primeiro concerne ao Nascimento do indivíduo no Renascimento Italiano, de Jacob Bruckhard e o outro ao Baudelaire de Paris: capital do século XIX, de Walter Benjamin.

Neste último exemplo, dois traços ficam absolutamente evidentes: não apenas um retorno da dissimetria singular como padrão, já que o dandy (personagem aí destacado) só pode ser a figura de uma ínfima minoria, como o princípio de artificialização da natureza: o dandy é um flâneur que se mistura com a multidão e não se confunde com ela, é o artista que busca “a eternidade na efemeridade” e é alguém que “vive e dorme como se estivesse diante de um espelho”. A vida como obra de arte, assim como a própria obra, é feita mais de reflexão, exercício, ironia e contenção do que de inspiração e catarse.

Voltaremos a isto, mas apenas para não perdermos a ocasião de apontar, não haverá um caráter de absoluta “artificialização” no conjunto dos nossos atuais valores estéticos? A magreza, juventude, corpos trabalhados de músculos definidos, não são absolutamente

vinculados a esta intervenção “artificializante”? Não vivemos em um momento de extrema dedicação a uma estética que é também uma erótica e uma dietética? <sup>14</sup>

Sabemos que a história só se repete como farsa, tal como nos ensinaram Nietzsche e Benjamin; por este mesmo motivo, nossa aposta é que nesta vigília que se impõe e considerando a “artificialização” necessária, participam das duas experiências: a da Grécia arcaica e a da nossa atualidade.

Onde somos radicalmente outros é no uso que fazemos das biotecnologias e das exteriorizações: cirurgias plásticas, medicina ortomolecular, reposições hormonais, complementos nutritivos, liftings químicos ou a laser, botox, lipoescultura, e outros tais que parecem fazer uma hibridação da nossa subjetividade estetizante e o universo das técnicas disponíveis.

Ah! Nossos modelos certamente não serão os heróis mitológicos nem a eternidade da sua fama; talvez sejam os artistas e sobretudo os manequins (os novos corpos belos) com a “eternidade de sua efêmera perfeição”. De outra forma, também os atletas ocupam este espaço “olímpico”: produzem as performances mais surpreendentes. Mas apenas uma enorme inocência seria capaz de desconhecer o quanto o esporte é um laboratório, além de ser o espetáculo da presença dos corpos escolhidos, treinados e “inventados”.

Há ainda um segundo argumento que justifica este nosso retorno à Grécia: trata-se da relação com a morte. Vimos que para os gregos a estetização consistia em, já que a morte seria comum a todos e os conduziria ao anonimato e ao esquecimento, escolhê-la e não sofrê-la, alterando, dessa forma, a natureza da sua presença.

No caso de nós mesmos, ou seja, da nossa atualidade, o que parece se desvelar é um pacto imaginário com o afastamento da morte e/ou sua erradicação. Até porque tudo se passa, e não é pouco, assim: *“Tudo indica que fizemos um longo percurso da Grécia mãe e de seus mitos encantadores até nossos sofisticadíssimos laboratórios de genética, informática e biomecânica. Que talvez possa<sup>15</sup> ser expresso com a passagem de um Decifra-me ou te devoro a um Cria-me porque tecnicamente és Deus.”*

A “artificialização” é hoje a presença da técnica e suas múltiplas misturas em nossas vidas. Mas é também, como menciona Jean-Jacques Courtine<sup>16</sup>, um “puritanismo ostentatório” nesta cultura do corpo, condição *sine qua non* para a premissa desta juventude como paradigma não apenas estético, mas também morfológico e ético.

Afinal, ser aparentemente jovem quando se é mesmo jovem é, digamos assim, natural. O desafio e a promessa são a de ser aparentemente jovem, quando não mais o seríamos se deixássemos a natureza seguir o seu curso. Aliás, o que se promove é mais do que a aparência jovem: são os atributos da juventude que se deseja eternizar.

### **Os anos 60: a contracultura**

O segundo momento do nosso recuo em busca da fonte imaginária do valor da juventude, dando um imenso salto na história da Grécia, nos conduz até este nosso mais imediato passado, que não mais nos define, mas do qual ainda portamos certas características que contrastam com as nossas tendências. Falamos do período que representou, em certa medida, o clímax e

a crise da Modernidade, os anos 60, onde vemos surgir tanto a contracultura quanto os “novos sujeitos da história”, assim nomeados por Foucault e aos quais já nos referimos neste texto.

Entre estes, identificados por ele como prisioneiros, loucos, gays, entre outros, aparecem também estudantes e, num sentido mais aberto, jovens, inaugurando o que alguns nomearam como uma crise geracional que instaurava uma distância de mundos entre o universo dos pais e dos filhos, dos professores e dos alunos.

Se há um momento em que a civilização viveu um evento jovem, os anos 60 foram a sua estréia: de um lado, acontecimentos como os de maio de 68, em Paris, que começou com uma revolta estudantil e abalou a estrutura do governo do general De Gaulle, de outro, o boom do rock and roll, associando ao som explosivo um conjunto de novas visibilidades (corpos em movimento, erotizados e frenéticos, vestidos de forma desidentificada com qualquer origem de classe, ligados ao princípio do espetáculo, inventando festas-shows como Woodstock, além das comunidades hippies como novas formas de sociabilidade<sup>17</sup>, princípios diferentes de alimentação e mergulhando no uso das drogas).

Neste conjunto, um sintoma sobressai, expresso pela nova tradução que a palavra “freak” vai adquirir. Assim, se anteriormente *freak* designava uma pessoa que portasse malformações ou deformações, nos anos 60, toda a contracultura começa a reconhecer-se como freak. Eis a nova definição:

“Freaks (...) são membros visíveis de subculturas jovens de classe média, o que inclui uma realidade subcultural em perfeita

descontinuidade com a realidade convencional. Freaks são contra-ambientes que asseveram o direito ao total controle sobre sua aparência física ou comportamento externo a total irrelevância da cultura e da norma informais daqueles que operam dentro da realidade convencional... (...) Freak designa um tipo que abarca o hippie (1965) e novas subculturas de esquerda (1967)..”<sup>18</sup>

Retirando o peso erudito da definição, o que verificamos é uma total mudança na aplicação do termo freak, que agora designa toda a forma de ser contrário ao establishment. De onde decorre a expressão, constante no cinema, nas histórias em quadrinhos e na música jovem, *freak out!*, que podemos traduzir por “pirar” ou “viajar” numa alusão evidente às drogas, sexo e violência (e/ou intensidade).

Este genérico “devir freak”, como este investimento corporal da contracultura, aparentemente e talvez originariamente tão investido de subjetivação, corresponderá a uma conseqüente e ardilosa resposta do capital e do establishment: corpos jovens são rentáveis e vendáveis e a reapropriação destes trazia duas excepcionais vantagens, já que, incorporando-os como produtos, anula-se a crítica que eles representaram, e, de outro lado, redimensionava-se a juventude como categoria e como público para o consumo.

Como disse mais tarde Cazusa:

*“Nossos heróis morreram de overdose”.*

*“Nossos inimigos estão no poder”.*

Cazusa, Ideologia

## **Forever Young**

Nossa atualidade de terceiro milênio alinhou-se a esta forma de consumo “como se pegasse carona numa cauda de cometa”. Se examinarmos as revistas informativas de maior circulação no país, *Veja*, *Isto é*, *Época*, e não estamos falando das chamadas “revistas femininas” ou de moda, é impressionante, nos chamados *Cadernos Comportamento*, a frequência de matérias vinculadas direta ou indiretamente à questão da juventude ou à resistência ao envelhecimento.

Escolhemos, muito aleatoriamente, um destes publicado na revista *Isto é* de 18 de agosto de 2004, que, associando ao título do livro *Os tempos hipermodernos* de Gilles Lipovteski, a ser lançado naquela semana em São Paulo, publica numa “janela” da matéria o seguinte texto com o título de *Hipervaidade*:

“Na sociedade hipermoderna a aparência é cada vez mais valorizada. Não basta ser competente, é preciso ter um rosto pouco marcado pelo tempo. Por isso a cada dia a indústria farmacêutica lança no mercado produtos que rejuvenescem a curto prazo. Os tops de linha são os cosmocêuticos: remédios que agem nas camadas profundas da pele e têm efeitos cientificamente comprovados (o que nem sempre acontece com os cosméticos) no combate a rugas e manchas. Além desses produtos vendidos em farmácias, há os procedimentos realizados por dermatologistas, como o famoso Botox (toxina botulínica) e medicamentos que preenchem rugas

profundas. “Há ainda os tratamentos a laser que rejuvenescem a pele em poucas horas, sem deixar cicatriz”, diz a dermatologista Mônica Aribi Fiszbaum de São Paulo. Os preços variam. Mas sem dúvida não cabem num bolso que não seja também hipermoderno”.

A revista *Veja* não fica atrás. Era tão certo que lá acharíamos o material ilustrativo que nem nos preocupamos em fazer uma consulta on-line, cruzando palavras-chave e esperando o resultado. Bastou abrir o último número, de 1 de setembro de 2004 (entregue aos assinantes dia 28 de agosto) e encontrar dois pequenos tesouros. Na seção *Beleza*, uma matéria intitulada: *Espeta, amassa...*, tinha o seguinte (e delicioso) parágrafo:

“Se, por acaso, você cruzar com alguma bonitona com hematomazinhos espalhados pelas coxas e barriga esteja certo, foi a Maria Amélia que fez. As marcas roxas são resultado de sua técnica mais elaborada: a intradermoterapia, que consiste na aplicação de injeções de polifenóis de alcachofra, substituto natural o proibido Lipostabil, na região intramuscular músculo salta e forma a barriga tanquinho.” “Modelo nenhuma faz ginástica. Sou eu que faço o shape, tudo na hand.” diz. “Não tem modelo, não tem atriz, não tem famoso que tenha corpo maravilhoso do nada. Dizer que só corre na praia e toma muita água é balela. A maioria toma injeção no abdômem.”

A segunda matéria, do *Caderno Comportamento*, assinada por Ariel Kostman, é ainda mais ilustrativa.

O título é Creme, depilação e perfume, e o lead é Para conquistar as meninas, garotos adolescentes incorporam os rituais de beleza femininos. Aí encontramos uma “janela” deliciosa: Antes de ficar careca e é impossível resistir a transcrever um pedaço:

*“ Pais calvos, filhos sob ameaça. Adolescentes que vivem com esta espada da hereditariedade sobre a cabeça sabiam que , mais cedo ou mais tarde, a cabeleira se esvairia no travesseiro e no chuveiro. Pelo menos foi assim até recentemente. Hoje, muitos deles se rebelaram contra o destino e estão apelando para o único tratamento até agora que resolve, ainda que com resultados discutíveis: o transplante capilar. Ao primeiro sinal de entradas , ou rareamento no cocuruto, meninos de 15, 16 anos, começam a submeter-se ao processo (...)”.*

Esta será, certamente, uma das tarefas da genética: decifrar o gene que provoca a calvície e .... correr para modificá-lo.

Nestes enunciados aparentemente banais que apresentamos, vemos segmentos do que parece ser uma tarefa de civilização: descolar a aparência da idade cronológica. Mas há o outro e complementar movimento: a difusão de um conjunto de hábitos a serem adquiridos, tais como exercício físico regular, alimentação controlada e comedida, e outros correlatos que fizeram Michel Serres, numa entrevista a Bruno Latour<sup>19</sup>, dizer que, quando começou a estudar, aprendeu que os homens eram mamíferos e carnívoros; como poderia um carnívoro evitar o consumo da carne e encontrar seu amor pela salada como se fosse de outra espécie? Teríamos mudado de espécie ou estaríamos querendo fazê-lo?

O que vemos nestes dois movimentos, ainda de natureza “simples”, é um projeto novo na civilização ocidental: a artificialização da vida ou, sendo mais rigorosos, o esboroamento das fronteiras entre natural e artificial, que se dá tanto na cosmética quanto, e aí vamos para um campo mais complexo, no conjunto vida, tal como a vemos agora. Próteses injetáveis e conectáveis, hormônios sintéticos, suplementos vitamínicos, cirurgias de rejuvenescimento – mas também transplantes de órgãos e associações inimagináveis de carne e metal – tratamentos ortomoleculares e tantos outros que nos permitem inverter o bordão capitalista: no lugar de “tempo é dinheiro”, “dinheiro compra tempo”.

Ainda nos defrontamos com outro sub-reptício e subliminar resultado da associação das biotecnologias com as tecnologias de informação que possibilitaram o florescimento da engenharia genética com as promessas concretas e imaginárias que ela engendrou: decifrar o genoma, a *“linguagem com que Deus criou a vida”*, fala da erradicação da morte, da possível intervenção nos genes que nos fazem sofrer, adoecer, envelhecer e morrer. Inventa um novo paradigma, onde o mais importante parece ser a antecipação do futuro sobre o presente. Não mais *“a bela morte ou o cadáver ultrajado”*, mas a não-morte e uma vida preservada.

Parece que ganhamos o direito, e mesmo a obrigação, de não aceitar o corpo que temos e escolher (com limites, é claro) que corpo gostaríamos de ter. Os implantes de silicone aumentando peitos e nádegas são uma das manifestações desta necessidade de “mudar a natureza”. E, se antes já se realizavam algumas cirurgias plásticas, estas eram feitas no sigilo, na calada da noite, quase nunca

assumidas. Hoje, ao contrário, são espécies de símbolo de status econômico e cultural, já que o corpo contemporâneo não é mais “*objeto de desejo, mas de design*”.<sup>20</sup>

Este corpo design tem por qualidades desejáveis, além de uma aparência especial, força, agilidade, velocidade, capacidade de performance, plasticidade e leveza. Traduzindo: juventude. Como se tivéssemos a certeza de acharmos hoje nos laboratórios o cálice do Santo Graal ou a fonte alquímica da Eterna Juventude.

*“Le vrai est ce qu’il peut. Le faux est ce qu’il veut.*

Madame de Duras

### Notas

<sup>1</sup> Empregamos a idéia de sintoma no sentido em que Nietzsche dizia que todo filósofo seria um semiólogo e um médico, interpretando os sintomas de uma civilização.

<sup>2</sup> Parece-nos lógico considerar que as biotecnologias, especialmente a Engenharia Genética, apontam para este horizonte; decifrando “a linguagem com que Deus criou a vida”, tal como os diretores do Projeto Genoma apresentaram seus primeiros resultados, seríamos redimidos pela ciência dos castigos do pecado original, principalmente o de existirmos no tempo, ou seja, o de sermos-para-a-morte, conforme o enunciado heideggeriano.

<sup>3</sup> Vale lembrar que o Oriente para a Grécia era a Ásia Menor e talvez possamos ler a *Iliada* como o poema que inventa esta luta /diferença entre Oriente e Ocidente.

<sup>4</sup> Vernant, Jean-Pierre, ‘La belle mort ou le cadaver outragé’, In: *L’individu, la mort, l’histoire, : soi-même et l’autre en Grèce Ancienne*, Paris, Gallimard, 1989

<sup>5</sup> Vernant, opus cit. p.5

<sup>6</sup> Vernant, opus cit, p.7

<sup>7</sup> Vernant, opus cit., p.53.

<sup>8</sup> O helenista que primeiro destacou esta questão foi Dodds em *Os gregos e o irracional*; este foi, no entanto, um dos pontos de partida de Michel Foucault para a elaboração dos volumes II e III da *História da sexualidade*, a saber, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, e o próprio Foucault o menciona num dos pés de página de *O uso dos prazeres*.

<sup>9</sup> Foucault, Michel, Une esthétique de l’existence, In: *Dits et écrits*, vol. IV, p.732.

<sup>10</sup> Lembremos as ácidas críticas de Nietzsche à moral do rebanho, que é certamente partilhada por Foucault. Na análise que este faz da figura do pastor no universo grego e depois no mundo cristão e finalmente no Estado Moderno in *Omnes et Singulatim*, In: *Dits et écrits*, vol.V, p.134-161

<sup>11</sup> Assim conceituado por Deleuze, Gilles. *Controle e devir*, capítulo *Político de Conversações*, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

<sup>12</sup> Foucault, in *Dits et écrits*, vol. IV, p. 562.

<sup>13</sup> Foucault também deu um curso *Qu'est-ce que les Lumières?* no Collège de France. Ambos têm como ponto de partida, uma entrevista dada por Kant, mas os cursos não são idênticos. A versão americana leva mais longe a questão da estética da existência.

<sup>14</sup> A confusão entre estes pontos parece provocar surpresas e comentários divertidos: um psicanalista amigo contou, rindo, que hoje uma sobremesa provoca mais "culpa" e reprimenda do que qualquer adultério.

<sup>15</sup> Tucherman, Ieda, *Breve história do corpo e de seus monstros*, Lisboa, Veja, 1999, p.193

<sup>16</sup> Courtine, Jean-Jacques, *Os Stakanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*, in *Políticas do corpo*, org. Denise Bernuzzi de Sant'Anna, São Paulo, Estação Liberdade, 1995

<sup>17</sup> Vale lembrar a entrada em cena da pilula anticoncepcional, que liberou a sexualidade da reprodução e do contrato de casamento.

<sup>18</sup> Foss, *Freak culture* in Fiedler, *Freaks: myths and images of secret self*. New York, Anchot, 1993.

<sup>19</sup> Serres, Michel, *Éclaircissements*. Interview à Bruno Latour, Paris, Flammarion, 1992.

<sup>20</sup> Esta expressão é utilizada pelo artista australiano Stelarc, in *Arte e sociedade no século XXI*, org. Diana Domingues, São Paulo: Ed.Unesp. p.55.

## **Referências bibliográficas**

COURTINE, Jean-Jacques. "Os Stakanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo". In: *Políticas do corpo*. Org. Denise Bernuzzi de Sant'Anna, São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

FIEDLER, L. *Freaks, myths and images of secret self*. New York: Anchot, 1993.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história". In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979, p.15.

\_\_\_\_\_. "O uso dos prazeres". In: *História da sexualidade*. vol.II, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. "O cuidado de si". In: *História da sexualidade*. vol. III, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. Omnes et Singulatim. In: *Dits et écrits*. Vol. IV, Paris: Gallimard, 1984, p.134.

\_\_\_\_\_. What is enlightnment? In: *Dits et écrits*. vol.IV, Paris: Gallimard, 1984, p. 562.

\_\_\_\_\_. Une esthétique de l'existence. In: *Dits et écrit*. vol IV, Paris: Gallimard, p.732.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

SERRES, Michel. *Éclaircissements*. Interviews à Bruno Latour, Paris: Flammarion, 1992.

STELARC, G. "Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota." In: *A arte no século XXI, a humanização das tecnologias*. Org. Diana Domingues, São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

Tucherman, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Ed. Veja, 1999.

\_\_\_\_\_. "Novas subjetividades: conexões intempestivas". In: *Revista de Comunicação e Linguagens, A cultura das redes*. Org, José Bragança de Miranda, Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

VERNANT, Jean-Pierre. *La belle mort ou le cadavre outragé*. In: *L'individu, la mort et l'histoire: soi-même et l'autre en Grèce Ancienne*. Paris: Gallimard, 1989.

### **Revistas:**

Revista Isto é, número 1819, 18 de agosto de 2004, São Paulo, Ed. Três

Revista Veja, ano 37, número 35, 1 de setembro de 2004, São Paulo, Ed. Abril.

\* **Ieda Tucherman** é doutora em comunicação com pós-doutorado no IRCAM, Centro Georges Pompidou, Paris e Professora do Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ.